

Uma crítica ao *paper* de autoria de J.T. Jost¹

Ivana Marková

(University of Stirling, Reino Unido)

MARKOVÁ, Ivana. Uma crítica ao *paper* de autoria de J.T. Jost. Tradução para uso escolar: Claudia Helena Azevedo Alvarenga. *Ongoing Production on Social Representations — Productions Vives sur les Représentations Sociales*, vol. 1(2-3), 125-129, 1992. Tradução não publicada.

No *paper* sobre *Representações Sociais e a Filosofia da Ciência: Crença em Realismo Ontológico como Objetivação*, Jost levanta várias questões interessantes. Primeiro, ele argumenta que o conceito de objetivação de Moscovici é fortemente similar à noção filosófica de realismo ontológico. Segundo, Jost afirma que a teoria das representações sociais conduz à predição contraintuitiva de que as pessoas leigas estão mais propensas a sustentar posições de realismo ontológico do que os especialistas. Finalmente, Jost postula seis hipóteses baseadas na afirmação anterior. Na minha crítica ao *paper* de Jost, primeiramente, irei apresentar brevemente as posições do realismo ontológico e das representações sociais em relação à ontologia e à epistemologia. Então, ocupar-me-ei, por sua vez, das três questões acima.

1. OBJETOS NO MUNDO E COGNIÇÃO.

O assunto que é essencial para a discussão, a seguir, é o da relação entre *objetos no mundo* e *cognição humana*. É nesta questão que o realismo ontológico se contrasta radicalmente tanto do *empirismo* como do *idealismo transcendental* (Bhaskar, 1978, p. 25).

De acordo com o empirismo, por exemplo, na variação de Hume, o mundo consiste de fatos atomísticos e estes são os objetos fundamentais da experiência. Mais genericamente, o empirismo postula uma ontologia de fatos atomísticos e discretos, e entende os fenômenos complexos como que constituídos de conjunções de tais eventos discretos e atomísticos. Estes fatos atomísticos são os objetos de sensações de um indivíduo e, portanto, de conhecimento. Entretanto, tal posição que tenta transpor questões ontológicas, isto é, questões sobre a qualidade de ser dos objetos em questões epistemológicas, isto é, questões sobre o conhecimento de tais objetos, Bashkar argumenta, é uma *falácia epistemológica*. É errado reduzir questões ontológicas a epistemológicas.

De acordo com o *idealismo transcendental*, em particular nas formas kantianas e neo-kantianas, mesmo falando ontologicamente, existe um *mundo real de objetos*, este mundo está disponível aos seres humanos apenas como fenômeno, isto é, apenas por meio de seus sistemas cognitivos. Dependendo do tipo de cognição que os humanos possuem, o mundo real pode aparecer para eles tanto nesta ou naquela forma. Uma vez que o mundo real dos objetos está disponível aos conhecedores apenas por meio do filtro de suas cognições, é impossível descobrir se o mundo real dos objetos corresponde ao mundo fenomenal disponível para as pessoas via seus sistemas cognitivos. Em outras palavras, o mundo real é desconhecido e, portanto, uma vez mais, perguntas de natureza ontológica são reduzidas a perguntas de natureza epistemológica.

¹ Ongoing Production on Social Representations — Productions Vives sur les Représentations Sociales, vol. 1(2-3), 125-129, 1992. Tradução de Claudia Helena Alvarenga, Fevereiro de 2011, para uso escolar.

O realismo ontológico rejeita a posição que reduz ontologia à epistemologia e que, assim, torna impossível a ciência real. Em vez disso, afirma que os objetos no mundo são “estruturas reais que resistem e operam independentemente do nosso conhecimento, da nossa experiência e das condições que nos permitem acesso a elas” (Bhaskar, 1978, p. 25). A ciência só é possível apenas porque os *objetos do conhecimento* são independentes dos conhecedores e devem ser tratados como tal (*ibid.*, p. 190). Ainda assim, são passíveis de serem conhecidos (*ibid.*, p. 192). Como já assinalado, Bhaskar enfatiza que é uma falácia epistemológica reduzir ou analisar afirmações sobre o ser, isto é, reduzir afirmações ontológicas a afirmações epistemológicas (*ibid.* p. 36). Além do que, ele sustenta que o realismo ontológico “não é uma teoria do conhecimento ou da verdade, mas do ser” (Bhaskar, 1986, p. 6). Ele elabora sobre sua própria afirmação, a seguir:

uma posição realista na filosofia da ciência (natural) consistirá, antes de tudo, de uma teoria sobre a natureza do ser, mais do que do conhecimento, dos objetos investigados pelas ciências - para o efeito de que resistem e operam independentemente da atividade humana e, por isso, de duplo sentido - experiência e pensamento (Bhaskar, *ibid.* p. 6).

Definido dessa maneira, o realismo ontológico se opõe tanto ao racionalismo quanto ao empirismo que definem *o ser* em termos de razão ou experiência, respectivamente. O realismo ontológico, é claro, tem implicações importantes para a teoria do conhecimento e, de fato, é uma das ocupações principais dos cientistas sociais, que são realistas ontológicos, na exploração do que estas implicações são. Por exemplo, quais são as propriedades dos *objetos sociais* (em contraste com objetos naturais)? Em que medida podem ser estudados da mesma maneira como os objetos naturais? (por exemplo, Bhaskar, 1979). As entidades sociais são ontologicamente independente das pessoas? As sociedades podem ser ontologicamente reduzidas a pessoas? E assim por diante.

Em contraste com a teoria filosófica do realismo ontológico, a principal consideração que é ontologia, a teoria das representações sociais está preocupada com questões epistemológicas: é uma *teoria social do conhecimento* (Moscovici, 1987; Marková e Wilkie, 1987). Como tal, está ocupada com os processos psicológicos e sociológicos que facilitam e interferem com a formação e manutenção das imagens, conceitos e crenças das pessoas; com os processos pelos quais as pessoas constroem os fenômenos naturais e sociais, incluindo as entidades científicas; com as questões sobre como as representações sociais fazem emergir novas representações. Para fazer isto, as pessoas tentam ajustar os fenômenos novos, ameaçadores e não familiares aos padrões de pensamento e comportamento existentes. Uma vez criadas, as representações existem independentemente de seus criadores: elas adquirem sua própria realidade ontológica. Como Moscovici colocou, “elas têm sua vida própria, circulam, fundem-se, atraem-se ou se repelem-se mutuamente...” (Moscovici, 1984, p. 13).

A noção de objetivação está relacionada ao processo pelo qual os fenômenos abstratos e, inicialmente, não familiares se tornam parte da cultura rotineira. Por exemplo, conceitos científicos, como os conceitos de evolução, de campo magnético, de psicanálise etc. que são originalmente usados por profissionais em um dado campo de especialização. Entretanto, gradativamente, eles se tornam parte do currículo educacional, da linguagem diária, das imagens usadas pela mídia de massa e das pessoas leigas. Uma vez que foram objetivadas, são tomadas como certas, assim como

outras ideias e imagens que as pessoas usam, e assim como é o meio ambiente físico, isto é, árvores, cidades, pedras e trens.

Então, qual é a relação, na teoria das representações sociais, entre os objetos no mundo e cognição? De fato, a teoria das representações sociais nada diz sobre este assunto porque esta não é sua ocupação. Sua ocupação é somente com os objetos do conhecimento, isto é, com as questões epistemológicas mas não com a existência dos objetos como tal. Não está ocupada com a questão filosófica ou se os objetos reais que são antecedentes das representações sociais, *realmente* existem.

2. OBJETIVAÇÃO E REALISMO ONTOLÓGICO

O que Jost chama de forte similaridade entre objetivação e realismo ontológico, em meu entender, é apenas um tipo de similaridade superficial baseada em nada mais do que uma afirmação que pode ser expressa, tanto por realismo ontológico, quanto por objetivação, como a seguir: *X tem uma existência independentemente dos seres humanos*. Entretanto, uma vez que nós experimentemos especificar X, a similaridade termina. Para o realismo ontológico, X ou Xs são objetos reais, e alguns são entidades teóricas (cf. Greenwood, 1989, citado por Jost, p. 8). As entidades teóricas podem ser objetos reais ou *representar* as estruturas reais dos objetos, no sentido de que elas são as estruturas reais dos objetos. São conhecidas e conhecimento é um processo social. Por objetivação, X não tem nada a ver com objetos reais porque Xs são representações sociais, isto é, conceitos, imagens, crenças e ideias construídas socialmente e compartilhadas socialmente.

Em vez de ficar focando na similaridade presumida entre realismo ontológico e objetivação, devemos ressaltar as diferenças essenciais entre eles. Os objetos de análise do realismo ontológico são *objetos reais no mundo*. Estes são independentes do conhecimento. Os objetos de análise das representações sociais não são objetos reais no mundo, mas *objetos do conhecimento*.

Tanto para o realismo ontológico quanto para as representações sociais, *objetos do conhecimento são dependentes dos conhecedores*. Tanto para o realismo ontológico quanto para a teoria das representações sociais *conhecimento é um processo social*. Para o realismo ontológico, os constructos científicos são produtos da ciência. Ciência é uma “atividade social cujo alvo é a produção de conhecimento dos tipos e maneiras de agir de coisas ativas e que existem independentemente” (Bhaskar, 1978, p. 24). Esta questão, entretanto, não é mencionada por Jost.

Quando se fala sobre a *independência* das representações sociais das pessoas, é um tipo diferente da independência ontológica dos objetos. A independência das representações sociais é apenas *secundária*. Representações sociais são uma forma de conhecimento social e, como tal, foram criadas pelas pessoas e a sua independência, por meio da objetivação, é apenas *como se*. É o resultado de se tornarem uma parte da realidade social, uma parte de algo dado como certo. Sua independência é, assim, apenas metafórica. Uma vez que se tornaram um assunto em foco de consciência, sua independência está perdida. Podem ser questionadas, desafiadas e, por fim, modificadas, assim como qualquer tipo de conhecimento que se desenvolve e se modifica.

Sob a visão do que foi dito até agora, existiria uma ‘forte similaridade’ entre objetivação e realismo ontológico? Esta pergunta não é passível de resposta porque os dois conceitos não são comparáveis. Pertencem a diferentes categorias. O *realismo ontológico* se ocupa da *ontologia*. *Objetivação* é um termo *epistemológico*.

3. OS AMADORES SÃO MAIS PROPENSOS A SEREM REALISTAS ONTOLÓGICOS QUE OS CIENTISTAS?

De acordo com Moscovici (1984), existe uma diferença fundamental entre ciência e representações sociais. A ciência pertence, ao denominado, universo reificado. Seu propósito é entender as naturezas dos objetos e eventos existentes independentemente dos indivíduos humanos. Em contraste, as representações sociais se ocupam com o universo consensual. Os métodos do cientista e do público, de acordo com Moscovici, são diferentes. Enquanto o primeiro se caracteriza pela imparcialidade, o último se caracteriza por valores e senso comum.

Jost (p. 8) apresenta a seguinte citação de Bhaskar (1978):

O cientista procura descrever os mecanismos geradores dos fenômenos; mas os resultados de sua atividade pertencem ao mundo social da ciência, não ao mundo intransitivo das coisas. Isto significa que está errado falar da explicação de eventos, descrição de mecanismos etc, dada pelos cientistas? Não: vale lembrar que o que é explicado em um episódio concreto científico é sempre o evento conhecido sob uma descrição particular. Não significa que o evento é, ou que nós devemos pensá-lo como se tivesse sido, sua descrição. Em oposição, a independência ontológica do evento é uma condição da inteligibilidade de sua descrição (p. 190, ênfase acrescentada por Jost).

Esta citação que Jost faz na p. 8 não se ocupa das crenças ontológicas dos cientistas, como Jost parece considerar. Seria mais óbvio para o leitor que a citação começasse duas ou três frases antes. Bhaskar estabelece na citação que, para um cientista ser capaz de conduzir uma exploração científica até o fim, deve haver um mundo ontologicamente independente de eventos que podem ser inteligivelmente descritos. Ele está ocupado aqui com o argumento de que, embora os objetos no mundo sejam independentes do conhecimento, é significativo continuar com a tarefa da ciência. Entretanto, a citação não tem nada a ver com a questão de se o cientista realmente acredita em uma tal independência dos objetos. Portanto, é um tipo de pergunta diferente da que foi colocada pela teoria das representações sociais. Assim, não pode ser comparada com quaisquer das hipóteses de Moscovici (cf. Jost, p. 8).

Agora, esquecendo as incompatibilidades das representações sociais com o realismo ontológico, vamos considerar a predição de Jost, a respeito das crenças ontológicas dos cientistas e das pessoas leigas. Jost afirma que provém da teoria das representações sociais que 'os amadores deveriam estar mais propensos a serem realistas ontológicos sobre as entidades teóricas que os cientistas profissionais' e que esta predição é contraintuitiva.

Entretanto, devo argumentar que, do ponto de vista da teoria das representações sociais, tal afirmação não é contraintuitiva, de qualquer modo. E isto pelas seguintes razões. Se eu sou um especialista em como se comportam carros em diferentes estradas, e se eu dirigir um carro numa estrada realmente ruim, eu deverei ser muito mais sensível às diferenças na estrada por onde passam diferentes tipos de carro do que se eu for uma pessoa leiga, que tomaria os mecanismos e funcionamento do carro por certos. Analogamente, se eu sou um cientista numa área específica, eu devo estar muito mais profundamente atento à natureza problemática do assunto do que se eu for um leigo que apenas conhece superficialmente sobre a existência do fenômeno em questão. Esta maneira de pensar corresponde precisamente à noção de Moscovici de que cientistas e

leigos diferem na maneira de pensar, como mencionado no início desta seção. Uma vez que os cientistas são altamente cômicos da natureza problemática do fenômeno, é menos provável que ele ou ela venha a tratar constructos teóricos como ontologicamente reais. Em contraste, a pessoa leiga, de acordo com a teoria das representações sociais, não confia tanto em seu *próprio* pensamento racional, mas tende a aceitar, por meio da objetivação, conceitos e ideias prontos. Este processo é, frequentemente, apenas semiconsciente ou mesmo inconsciente. De acordo com a teoria das representações sociais, crenças na realidade ontológica dos fenômenos são associadas à falta de atenção em vez de uma grande atenção. Portanto, enquanto eu concordo com Jost sobre a predição que provém da teoria das representações sociais, 'amadores deveriam estar mais propensos a serem realistas ontológicos sobre as entidades teóricas que os cientistas profissionais', eu discordo que seja contraintuitiva. Quicá a minha visão seja altamente intuitiva.

4. HIPÓTESES BASEADAS NO CONCEITO DE OBJETIVAÇÃO DE MOSCOVICI.

Considero a primeira, a segunda e a terceira hipóteses muito parecidas umas com as outras e todas já estão incluídas na última frase do parágrafo anterior. Elas derivam da discussão acima e não são realmente surpreendentes. As hipóteses quatro, cinco e seis talvez pudessem ser testadas empiricamente.

REFERÊNCIAS

- Bhaskar, R. (1978). A Realist Theory of Science. Hassocks: The Harvester Press.**
Bhaskar, R. (1979). The Possibility of Naturalism. Brighton: The Harvester Press.
Bhaskar, R. (1986). Scientific Realism and Human Emancipation. London: Verso.
Greenwood, D.J. (1989). Explanation and Experiment in Social Psychological Science. New York: Springer Verlag.
Jost, J.T. (1992). Social Representations and the Philosophy of Science: belief in ontological realism as objectification. This volume.
Marková, I. and Wilkie, P. (1987). Representations, concepts and social change: the phenomenon of AIDS. Journal for the Theory of Social Behaviour, 17, 389-409.
Moscovici, S. (1987). Answers and questions. Journal for the Theory of Social Behaviour, 17, 513-529.

Ivana Marková
Department of Psychology
University of Stirling
Stirling FK9 4LA
Scotland.